



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

VOLUME 18 | NÚMERO 52 | JANEIRO-ABRIL 2025

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v18n52e25955>

Memórias Missionárias de Dom Luiz Fernando Lisboa em Moçambique

**Missionary Memories of Dom Luiz Fernando Lisboa in
Mozambique**

**Memorias Misioneras de Dom Luiz Fernando Lisboa en
Mozambique**

Jefferson Silva

Doutor em Ciências Sociais (UNESP/
Marília. Docente da Universidade Estadual
de Londrina.

 <http://lattes.cnpq.br/0088578024264046>

 <https://orcid.org/0000-0001-6542-1461>

 jeffolivattosilva@uel.br

RESENHA

RECEBIDO | 6 mar. 2025 – APROVADO | 2 abr. 2025



O livro de Dom Luiz Fernando Lisboa, *Memórias missionárias em Cabo Delgado (2001-2021)*, publicado em 2024 pela EDUA e Alexa Cultural, insere-se na atualidade da crítica das condições sociais, políticas, econômicas e religiosas de Moçambique. A possibilidade do testemunho histórico mediante o relato de experiência de Dom Luiz Fernando Lisboa possibilita uma leitura crítica dos limites da mediação religiosa em que é exigida uma intencionalidade missionária tensionada pela historicidade complexa de Moçambique. Nesses termos, a obra como narrativa da trajetória de vida religiosa por ser interpretada por meio aprendizagens sociais em que identidades coletivas são tecidas: missionário-passionista, brasileiro e autoridade religiosa. Em outras palavras, a trajetória de Dom Luiz desvela a maneira de realizar sua função católica conflui atitudes que convergem signos em direção à centralidade de seu missionarismo e refrataram signos que destoavam de um catolicismo impositivo sobre as populações da província setentrional de Cabo Delgado.

Para a realização deste projeto houve a colaboração de pesquisadores e instituições acadêmicas voltadas ao estudo da história oral, das dinâmicas missionárias e dos processos de memória coletiva e individual. A Profa. Dra. Patrícia Teixeira Santos (Universidade Federal de São Paulo) e o Prof. Dr. Nuno de Pinho Falcão (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) organizaram e a historiadora Camila Castro de Souza (Universidade Federal de São Paulo) editorou a obra, e as análises dos dois primeiros complementam os relatos de Dom Luiz, visto que, este expõe as nuances do pertencimento religioso e as tensões relativas à experiência a partir de “de dentro” do mundo eclesiástico. Nesta memória o ser religioso está vinculado ao pertencer a uma instituição legitimada pela doutrina católica de padres e irmãos, com votos ou promessas relativas à obediência e castidade, que difere da vida religiosa comum aos adeptos do catolicismo. Agregam-se a essa experiência em primeira mão, a reflexão pro-fícua dos estudos sobre missionação da Profa. Dra. Patrícia T. Santos e do Prof. Dr. Nuno P. Falcão. Igualmente, contaram com o apoio de outros pesquisadores e estudantes, vinculados a: o Centro Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da Universidade do Porto (CITCEM-UP), o Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH-UFAM), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da UNILAB, entre outras instituições. Sublinha-se que a obra contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM). Desta feita, a obra evidencia o quanto a mediação entre academia e experiências missionárias contribui para o entendimento da articulação entre experiência humana, identidade religiosa e historiografia.

Por intermédio do testemunho do bispo Dom Luiz, a experiência missionária em Pemba, capital da província de Cabo Delgado, objetivou o foco desta obra para registrar a trajetória missionária ao longo de duas décadas, que vivenciou momentos de atualização de seu grupo religioso pela persistência missionária do prelado e de suas ações internacionais diante das demandas sociais da região e do conflito armado em 2017. Metodologicamente, a obra fundamenta-se na história oral em vista do entrelaçamento da memória individual do prelado com a história coletiva das comunidades afetadas pelas dinâmicas políticas, religiosas e sociais da referida região moçambicana. Como enfatizado na introdução do Prof. Dr. Nuno de Pinho Falcão, a obra não se restringe ao relato pessoal, mas busca fornecer um panorama da atuação missionária no contexto africano contemporâneo, abordando o papel da Igreja na mediação de tempos de crise e de reconstrução social.

Ressalta-se que esta obra amplia o conjunto de narrativas católicas sobre a história de Moçambique. Destacam-se entre elas, a obra de Dom Jaime Gonçalves, arcebispo de Beira, que, em 2014, publicou *A paz dos moçambicanos*, que enquanto memórias do seu bispado enriquecem o debate acerca da mediação social que levou o Acordo Geral de Paz no país em 1992. Já a obra de Padre Latifo Fonseca, sacerdote católico natural de Chiúre, Cabo Delgado, *A coragem e a confiança em Deus: Luiz Fernando, amor à vida e à missão*, (2020), se debruça sobre o trabalho missionário e o empenho de Dom Luiz na defesa dos direitos humanos durante o conflito em Cabo Delgado. Outra publicação foi a de Amadeu Gomes de Araújo e Manuel Vilas Boas, *Moçambique da Colonização à Guerra Colonial - A intervenção da Igreja Católica*, 2024, apresentam o percurso da Igreja Católica desde o final do séc. XV até os testemunhos sobre a expulsão do bispo de Nampula, dos missionários Padres Brancos e de Burgos, e dos Missionários Combonianos.

Em decorrência do processo colonial moçambicano e da luta por independência, a obra de Dom Luiz (2024) representa as camadas de história da Igreja Católica, presente durante o colonialismo, mas que evidenciou a atualidade do interesse estrangeiro pelos minérios africanos. Ademais, a violência estruturante do colonialismo é revelada pelas memórias de Dom Luiz, que, criticamente, reflete sobre as forças que tensionavam a violência e a miséria e a resistência para uma vida de paz. Conforme apontou, a Profa. Dra. Patrícia T. Santos, a trajetória católica de Dom Luiz nas décadas de 1970 e 1980, antes de iniciar sua vida como religioso, foi atrelada a notícias de periódicos missionários, tais como *Alô Mundo* e *Sem Fronteiras*, que impulsionavam um anseio por ser um católico de acordo com o Decreto *Ad Gentes* (1965 - decreto do Concílio Vaticano II referente às missões) - em países que enfrentavam crises humanitárias.

Pode-se destacar os núcleos de aprendizagens sociais que atualizaram o chamado (ou missão) de Dom Luiz para produzir um sentido religioso coerente com sua percepção humanitária. Dessa forma, esses núcleos caracterizam sua trajetória, principalmente a partir de sua entrada no Seminário da Congregação da Paixão de Jesus Cristo (Passionistas), fundada por São Paulo da Cruz (1694-1775), e como tal pode desconstruir uma narrativa idílica do ser missionário *Ad Gentes* (1965). Ecoa na historicidade da missionação em África o que bem asseverou Cardeal Charles Lavigerie, fundador dos Padres Brancos - e contemporâneo de Dom Daniel Comboni com quem disputava os territórios católicos em África - a seus próprios missionários: vocês não são aventureiros ou exploradores como Robinson Crusoe (SILVA, 2015). Ora, constata-se que as ações de Dom Luiz evidenciam, inclusive, a inquietude de sua identidade eclesial constrita ao Brasil e um bispado neutro à exploração estrangeira, segundo o Anexo que consta sobre o encontro de Accra de bispos em África a respeito do tema, em 2024, o qual ele próprio instigou no papado.

Sua obstinação pela África foi alimentada por momentos in loco: seis meses no início de 2001 em Pemba para conhecer a realidade local e provocar o interesse de sua província no Brasil para terem missionários lá, o convencimento de sua Província em agosto com autorização do seu retorno em setembro de 2001; após o período sabático em 2009, os serviços paroquiais no Brasil na paróquia Santa Terezinha de Lisieux (2009-2013) e mestrado na PUC-PR, e seu retorno como Bispo de Pemba, Moçambique, em 2013, no início do papado de Francisco até 2021, quando este o nomeou Arcebispo de Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo. Outro fator agregador de uma atuação missionária desafiadora esteve presente ao longo de sua formação seminarística, já que por sua congregação possuir um histórico de santos e beatos, os feitos e exemplos destes devem ter sido destacados rotineiramente, o fundador São Pedro da Cruz (1694-1775) e Santa Gemma Galgani (1878-1903) – ao todo são oito beatos, quatro santos e duas santas, de acordo com o

site da Província da Exaltação da Santa Cruz (s/d). Essas personalidades ocupam uma posição de destaque extraordinária na formação seminarística e, que, muito provavelmente, o inquietou na realização de sua trajetória, que seria alcançada por sua ida à Moçambique.

Assim em vista de sua intenção atraída para a missão em Moçambique teve que convencer a sua congregação e seus superiores sobre tal relevância, visto que era uma região que exigia apoio pastoral e social. Essa atitude de persistência foi crucial para que ocorresse a legitimidade de seu chamado tecido com as notícias de revistas *Ad Gentes* (1965) no interior da congregação. Enfatiza-se que a vivência desse chamado exigia o aceite e o apoio da congregação para a continuidade de seu vínculo identitário com a referida comunidade eclesial. Essa interdependência mantém de um lado a estrutura institucional ao mesmo tempo que a atualiza diante das demandas sociais.

Após ter superado essa etapa, surgiu outro desafio: a adaptação cultural e a organização logística da missão. Logo de início enfrentou o impacto cultural com as tradições das comunidades macua e maconde. Embora pudesse haver um reencontro com a população moçambicana, a vivência pela/com a alteridade gradativamente cria fissuras com a aventura missionária, precisando ser recomposta pela identidade coletiva na universalidade da fé católica. Dessa forma, o vínculo identitário direcionou-o à adaptação de seu pertencimento, que agora precisava ser expandido de uma inicial atuação provisória, mas interdependente às tensões locais.

Como era de se esperar, embora não necessariamente desejado, a experiência de condições adversas de saúde e clima entrelaçavam-se no cotidiano. Dom Luiz enfrentou episódios recorrentes de malária que, historicamente, causou a morte de muitos missionários no início do século XX na África e, muito provavelmente, ainda, a maior causa de mortalidade no continente. Na linha de seus antecessores missionários, a malária fragilizou sua resistência física e emocional. Conforme o relato de Dom Luiz, a experiência da malária (mais de 40 vezes), reforçou sua humanidade, “Para mim não houve experiência maior do que enfrentar a malária. Ali a gente se iguala, não tem ninguém melhor ou pior que o outro.” (p. 86). Outrossim, as condições climáticas e a infraestrutura disponível na região se impunham na forma de obstáculos contínuos em sua atuação missionária. Nesse ínterim, a história católica de formação religiosa em África, por diferentes congregações estrangeiras desde o início do século XX, motivou Dom Luiz em insistir na formação de seminaristas inicialmente em África (Moçambique e Tanzânia) e não em países estrangeiros, para evitar que esses jovens não desejassem retornar para a concretude africana. Somente no período de cursar teologia os jovens seminaristas de sua congregação eram enviados a Portugal e ao Brasil (SILVA, 2015).

Outro núcleo significativo de sua trajetória foi a eclosão da guerra em Cabo Delgado em 2017, que confluiu a destruição das infraestruturas existentes, o deslocamento das populações em busca de sobrevivência para as famílias, além de agravar as crises humanitárias (culminadas com a pandemia). Com efeito, Dom Luiz se viu obrigado enquanto missionário e responsável pelos fiéis a tomar uma atitude radical, visto que, por ser bispo e estrangeiro, enfrentava outros desafios de ordem político-institucionais; por isso, Dom Luiz denunciou a guerra e mobilizou a atenção internacional em busca de apoio à população (Roma, Portugal, Itália e Brasil). Nesses termos, por meio da mobilização do extraordinário passionista em si, sua provocação para uma reunião com os bispos em África foi autorizada pelo Papa Francisco e organizada pelo cardeal Michael Czerny. Assim, quando já era Arcebispo de Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo - Dom Luiz foi convidado a se pronunciar no “Primeiro Encontro de Bispos das Dioceses em

Experiência de Guerra no Continente Africano”, 11 de março de 2024, Accra, capital de Gana, África Ocidental, transcrita no Anexo. Destacam-se de seu pronunciamento o discernimento das formas de exploração estrangeira, bem como o alerta às supostas ajudas humanitárias, que poderiam revestir outros interesses de laços políticos e econômicos com as instituições locais. Essa lucidez revela o quanto Dom Luiz era cômico do histórico das referidas ajudas internacionais que ao lado da participação de entidades cristãs, colaboraram para o mapeamento de riquezas e desmobilização local para fins exploratórios. Outrossim, ao reiterar seu compromisso com a história do catolicismo africano em 2024, Dom Luiz reforça a memória de outros missionários que o antecederam: “eu saí da África, mas a África nunca mais vai sair de mim!” (p. 21; p. 134).

A trajetória de Dom Luiz como prelado da Igreja Católica demonstra o quanto a identidade comunitária e vinculada à experiência religiosa que, após a realização de um sonho juvenil de estar em África, atualizou seu pertencimento com as demandas sociais das populações moçambicanas a ponto de denunciar junto ao papado a urgência de ampliar a reflexão com os demais bispos em África sobre o tipo de catolicismo, que precisaria acontecer diante de conflitos armados e da exploração estrangeira das riquezas minerais e da mão de obra africana. Ao certo não sabemos se seu apelo ao Papa Francisco para esta reunião tenha sido único; de qualquer forma, as memórias de Dom Luiz atestam que o prelado conseguiu refletir o profetismo ou o extraordinário da prática religiosa para aqueles que conviveram a seu redor.

REFERÊNCIAS

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Decreto Ad Gentes**. Vaticano: 1965. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 27 fev. 2025.

LISBOA, Luiz Fernando. **Memórias missionárias em Cabo Delgado (2001-2021)**. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2024.

PROVÍNCIA DA EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ. **Santidade**. Disponível em: <https://www.provinciaexaltacao.org.br/default.asp?pag=p000003>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SILVA, Jefferson Olivatto da. **O expansionismo católico na Bembalândia**. Curitiba: Prisma, 2015.